

Para câmara americana, País já não é emergente

Presidente da entidade acha que a economia do Brasil justifica categoria mais alta

MARIANA MARTINEZ

O presidente da Câmara Americana de Comércio (Amcham), John Edwin Mein, acredita que o Brasil já ultrapassou a categoria de nação emergente. Segundo ele, o tamanho do mercado brasileiro, o valor do Produto Interno Bruto (PIB) e a infra-estrutura justificam essa crença.

Na avaliação de Mein, o Brasil é um dos mercados mais importantes para as empresas e a economia dos Estados Unidos, tanto pelo valor intrínseco, que é o tamanho do investimento americano no País, quanto pelo simbólico, de tentar estancar a crise financeira internacional.

O Brasil está em terceiro lugar em investimentos diretos industriais americanos no exterior, só perdendo para o Reino Unido e o Canadá. De 1992 a 1996, os EUA investiram U\$ 130,4 bilhões em outros países, dos quais cerca de U\$ 18,6 bilhões no Brasil (8,97%).

As empresas americanas têm presença diversificada em todos os países, com destaque para a Europa, que absorve um pouco mais da metade do estoque de investimento dos EUA no mundo (50,2%). A América Latina, na qual se sobressai o Brasil, tem 18,1% do total, ficando à frente da região Ásia-Pacífico (17,6%).

John Mein afirmou que o governo dos EUA está tentando ajudar o Brasil com linhas de crédito e financiamento que deveriam partir de instituições privadas que não agiram para evitar a crise. "O setor público americano está fazendo um esforço adicional para suportar a ausência do setor privado", serviu.

Ele acredita que as expectativas em torno das negociações com o



J.F. Díorio/AE

Mein: "Ajuda devia vir do setor privado e não do governo dos EUA"

FISCHER
ELOGIA
PROGRESSOS
DO PAÍS

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI) e a aprovação das medidas de ajuste fiscal no Congresso afastarão, temporariamente, apenas os investimentos em renda fixa com juros altos. Os investi-

mentos em fábricas continuarão normalmente, por serem compromissos de longo prazo.

Armadilhas – As declarações de John Mein reafirmam o que foi dito pelo vice-representante de Comércio dos EUA, Robert Fisher, em outubro, durante visita à Amcham, que rendeu a última capa da revista *Update*, publicada pela instituição. Fisher defendeu o apoio ao Brasil e o avanço da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Também afirmou que a crise financeira não interfere no processo de globalização.

Para ele, é provável que, agora,

alguns responsabilizem a abertura comercial do mundo, mas o fato é que os problemas evidentes logo no início da crise asiática resultaram dos negócios de grupos fechados, estruturas jurídicas fracas, instituições financeiras debilitadas e falta de transparência. Segundo Fisher, "os brasileiros têm feito grandes progressos na tarefa de evitar essas armadilhas".

A Câmara Americana de Comércio deve receber no dia 18 o vice-ministro de Relações Exteriores dos EUA, Stuart Eizenstat. Na opinião de John Mein, o discurso do vice-ministro vai reforçar o que foi dito por Fisher.

O presidente da Amcham afirmou que todos os indícios são de que o governo americano apoiará o País em seu esforço de reforma fiscal. Ele explicou que o bom desempenho do Partido Democrata nas eleições presidenciais, terça-feira, compromete o processo de impeachment contra Bill Clinton, que se tem demonstrado "um grande amigo do Brasil". (AE)